

A internalização da categoria informação no pensamento geográfico: algumas considerações¹

André Pasti²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente texto apresenta algumas considerações sobre a internalização da categoria informação no pensamento geográfico. Para tanto, trata de duas perspectivas: da escola sueca de Geografia, representada principalmente por Torsten Hägerstrand e Gunnar Törnqvist, com influência sobre a obra do estadunidense Allan Pred; e do geógrafo brasileiro Milton Santos.

Palavras-chave: informação; Geografia; pensamento geográfico.

Para analisar as dinâmicas territoriais da informação no atual período, faz-se necessário avançar em uma compreensão epistemológica dessa categoria e de como se deu seu processo de internalização ao pensamento geográfico. Longe da pretensão de esgotar o tema, buscamos neste trabalho realizar uma primeira aproximação — com uma revisão bibliográfica ainda inacabada, devido ao grande número de autores e escolas do pensamento geográfico ainda não considerados. Desse modo, buscou-se, em uma primeira parte, um entendimento de alguns dos principais desdobramentos das teorias da informação e comunicação no pensamento social. Em seguida, discute-se uma perspectiva de internalização da informação no pensamento geográfico, a partir da chamada “escola sueca de Geografia”. Por fim, apresentam-se possibilidades de análise da informação a partir do sistema de conceitos proposto por Milton Santos.

A categoria informação no pensamento social

Há usos da informação visando a organização do território desde o desenvolvimento da estatística (“ciência do Estado”, do alemão *Staatswissenschaft*), a partir do cálculo de probabilidades, surgido por volta de 1660 (MATTELART, 2006, p. 18). Interessanos, no entanto, os modelos que influenciaram o pensamento social sobre a informação

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Baseado em dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Adriana Bernardes.

² Doutorando em Geografia Humana na FFLCH-USP. E-mail: pasti@usp.br.

sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, quando a ciência, a técnica e a informação passaram a prevalecer na organização dos contextos socioespaciais.

As primeiras teorias da informação surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra, e eram baseadas na matematização (GLEICK, 2011, p. 205; SHANNON, 1948). Pode-se observar o pensamento dessa matriz teórica em Leon Brillouin (1971 [1962], p. 2), quando afirma que “a definição de informação deriva de considerações estatísticas”. Claude Shannon e Alan Turing foram expoentes dessa linha, que traçou um modelo formal da informação. Esses estudos foram introduzidos à biologia, e passaram a ser analisados, também, sob a abordagem sistêmica. Nesse sentido, segundo Armand e Michèle Mattelart (1999, p. 61), destacaram-se as pesquisas de Erwin Schrödinger, que utilizou os debates de Shannon em busca dos modelos de desenvolvimento do indivíduo contido nos cromossomos; e de François Jacob (1970), na compreensão do caráter único do indivíduo. Moles (1969) propôs um projeto teórico batizado de “ecologia da comunicação”, entendida como a ciência da interação entre espécies em um dado campo. Na década de 1970, fortaleceram-se debates relacionando informação, saberes, normas e cultura, como encontrado em Morin (1974).

Nas ciências sociais, destaca-se a escola de Frankfurt e o debate da indústria cultural, com as primeiras abordagens da teoria crítica da informação considerada mercadoria e de estudos culturais. Os expoentes desse movimento foram Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas (MATTELART, A.; MATTELART, M., 1999, p. 73-85).

O campo da economia política da comunicação se desenvolveu a partir da década de 1960, questionando os desequilíbrios dos fluxos de informação e produtos culturais (MATTELART, A.; MATTELART, M., 1999, p. 113-131). Foi o campo que mais estudos realizou a respeito das desigualdades em relação à produção e circulação de informações nos diferentes territórios e o desequilíbrio dos fluxos noticiosos (MATTA, 1980; GUARESCHI, 1987; MARCONDES FILHO, 1989; PALMER, 1983; 1996; PATERSON, 2006; DANTAS, 2012; PALMER; NICEY, 2012, entre outros).

Para problematizar essa categoria, cabe refletir sobre seu significado. São inúmeras as definições de informação — há quem tenha catalogado mais de 400 delas, de pesquisadores de diferentes campos e culturas³ (YUEXIAO, 1988, p. 480). Para Yuexiao, informação não é um conceito singular, mas uma série de conceitos com relações complexas.

³ “Em línguas ocidentais como inglês, francês e alemão, assim como em russo, o conceito de informação aparentemente deriva etimologicamente do latim *informatio*, que originalmente significava um processo de comunicação ou algo a ser comunicado. Até agora, temos descoberto ou criado tantas maneiras de processar a comunicação e tantos tipos de coisas a serem comunicadas [...] que torna difícil distingui-los com apenas um termo. Em chinês, a situação é a mesma para o termo *Xinxi*, que é a “contrapartida” da *informatio*. Mas, felizmente, a população chinesa usa outro termo, *Qingbao*, que originalmente significava apenas informações confidenciais ou inteligência e passou a significar as informações gerais associadas com a natureza do conhecimento humano [...]. Então, os ‘cientistas da informação’ chineses podem ser distinguidos pelo menos entre cientistas de *Xinxi* e cientistas de *Qingbao*” (YUEXIAO, 1988, p. 480, tradução própria).

Isso se explicaria, também, pelo caráter multidisciplinar das ciências da informação, apontado por Rayward (1996). Segundo Dantas (2012, p. 21)⁴, entre essas definições constam

“as relações que se tornam perceptíveis, quando ocorrem mudanças no estado físico de algum objeto”; ou “conhecimento que é comunicado”; ou “símbolos produzidos por um comunicador, para efetuar o seu intento de comunicar”; ou “um processo que ocorre na mente humana quando se completa uma produtiva união entre um problema e um dado útil à sua solução”; ou “dados produzidos como resultado do processamento de dados”.

Com base em um conjunto de autores ligados à teoria científica da informação e da comunicação, Dantas (2003, p. 25) propõe que informação seria

um *processo de seleção efetuado por algum agente*, entre eventos passíveis de ocorrer em um dado ambiente. Na origem da informação encontra-se, de um lado, *sinais físico-energéticos* emanados de um objeto ou ambiente qualquer [...] e de outro lado, um agente (ou sujeito) capaz de extrair algum *sentido*, ou *orientação*, ou *significado* desses sinais. Por isto, para que ocorra informação haverá sempre necessidade de *interação* (ou comunicação) entre um sujeito e um objeto, ou sujeito a sujeito. (grifos do autor).

No mesmo sentido, no campo do Direito, o conceito de informação implica, para Gonçalves (2003, p. 17), “um estado de consciência sobre fatos ou dados”, pressupondo “um esforço (de caráter intelectual, antes de mais) que permita passar da informação imanente (dos fatos ou dos dados brutos) à sua percepção e entendimento, o que implica, normalmente, a sua recolha, tratamento e organização”.

Baudrillard (1972)⁵, no que tange às teorias da comunicação, critica as abordagens que, ainda que partam de construções em alguma medida baseadas no marxismo, seriam ideologicamente embasadas em uma “formalização altamente ‘científica’ por parte de uma disciplina, a semio-linguística da comunicação, apoiada por um lado na linguística estrutural e por outro na informática avalizada nas universidades e na cultura de massa”. Para este autor, essas abordagens teriam uma base conceitual ideologicamente solidária à prática dominante, tratando, sobretudo, de uma separação esquemática entre emissor—mensagem—receptor (BAUDRILLARD, 1972, p. 228). Ele afirma, ainda, que

essa construção “científica” institui um *modelo de simulação* da comunicação de onde são excluídos à partida, a reciprocidade, o

⁴ Cabe mencionar que esta obra fora escrita originalmente em 1994, resultando da dissertação de mestrado do autor, sendo revisada e publicada em 2012; essas reflexões antecedem, portanto, o texto de 2003 citado posteriormente.

⁵Nessa importante obra, Baudrillard (1972) propõe uma economia política do signo, retomando Marx. Ele considera o signo como um “objeto” de consumo, tratando das trocas simbólicas.

antagonismo dos parceiros, ou a ambivalência da sua troca. O que circula, com efeito, é informação, conteúdo de sentido supostamente legível e unívoco. [...] A fórmula tem uma coerência formal que a garante como único esquema de comunicação *possível*. Mas desde que se suponha uma relação *ambivalente*, tudo se desmorona.

Em seu entendimento, essas abordagens não preveem relação recíproca e presença de um ao outro entre os dois termos, necessitando desse intermediário conceitual. Essa crítica é importante para analisar alguns esforços de internalização da categoria no pensamento geográfico.

A escola de geografia sueca e a crítica aos modelos

Em busca de uma primeira aproximação sobre a internalização da categoria informação à geografia⁶, é importante perceber que alguns esforços nesse sentido foram marcados pela construção de modelos e simulações que devem ser alvo da mesma crítica supracitada. É o caso da chamada “escola de geografia sueca”.

Um dos pioneiros dessa escola é o geógrafo Torsten Hägerstrand, cujos esforços analíticos de maior destaque são: (a) os debates sobre a “difusão espacial de inovações” (HÄGERSTRAND, 2013), (b) a mobilidade e a migração e (c) uma “geografia do tempo” (THRIFT, 2005, p. 337-338; CONTEL, 2011, p. 71). Hägerstrand cria uma tipologia sobre a informação: a *informação pública*, pertencente a um indivíduo e compartilhada em um contexto sem ter seu significado alterado — como discursos a uma audiência, transmissões televisivas ou radiofônicas, publicações, filmes (HÄGERSTRAND, 1967, p. 138-139); e a *informação privada*, quando é transmitida pessoa-a-pessoa — como no contato face-a-face, telefonemas, cartas (HÄGERSTRAND, 1967, p. 139). Allan Pred (1977), que trabalhou com Hägerstrand, chama a atenção para o fato de que sua “geografia do tempo” já analisava o espaço geográfico para além da noção de distância e da concepção geométrica. Pred discute, também, a importância do *cotidiano* na obra do geógrafo sueco, e sua chamada “coreografia da existência”⁷ (PRED, 1977, p. 218).

⁶ Pretende-se, assim, reafirmar a importância da busca por um sistema de conceitos que seja internamente coerente, operacional, pertinente e atualizado, e não composto por “metáforas” incapazes de explicar a realidade (SANTOS, 2006 [1996], p. 21; SILVEIRA, 2000)

⁷ Nesse sentido da análise do cotidiano e das informações privadas, Hägerstrand (1967, p. 166-167) propõe a noção de “campos de informação privada”, que podem ser vistos como regiões centralizadas onde indivíduos, mais do que estabelecimentos, instituições ou locais, atuam como centros. Seria o substituto espacial para o conceito de “átomo social”, da psicologia social. Esses campos teriam uma relação muito forte com o lugar e o cotidiano vivido, já que, para o autor, “da experiência cotidiana pode-se inferir que o campo de informações de uma pessoa durante qualquer período dado consiste em uma seleção relativamente limitada de outras pessoas com as quais os contatos são muitas vezes reciprocamente repetidos.” (HÄGERSTRAND, 1967, p. 166, tradução própria).

Milton Santos (2003 [1979]), em sua crítica às teorias de difusão de inovações e de informações, aborda especialmente os autores dessa escola⁸. Para Santos, esse modelo de difusão de informações pressupõe que se pode teorizar sobre esse tema com base em “regularidades empíricas observadas (por exemplo, o efeito da proximidade)” (SANTOS, 2003 [1979], p. 44). Outros limites apontados são a excessiva ênfase em analogias com leis próprias às ciências naturais, em fórmulas matemáticas e métodos quantitativos, a negação da consideração das estruturas sociais e o fato de ser um exercício de simulação (SANTOS, 2003 [1979], p. 62-67). Fundamentalmente, o autor critica as intencionalidades mercadológicas de diversos autores dessas teorias, afirmando que estes colonizaram, pelos interesses mercantis, a teoria da difusão de inovações, de modo que ela seja um instrumento para encontrar as áreas de vendas com melhor lucratividade (SANTOS, 2003 [1979], p. 59-61).

O autor afirma, também, que “Hägerstrand atribui mais influência efetiva às relações interpessoais do que aos meios de comunicação de massa” (2003 [1979], p. 79) para a difusão de informações. Para Hägerstrand seria necessário foco na análise das redes interpessoais de comunicação. Encontramos posição oposta em outros autores, como Meier (1962), que atribuem primeiro à imprensa escrita a importância na circulação de informações⁹. Compartilhamos dessa visão que atribui maior importância aos grandes meios de comunicação.

A partir da proposta de Hägerstrand, surge o trabalho do também geógrafo sueco Gunnar Törnqvist, que na perspectiva da geografia econômica e dos estudos urbanos afirma a importância dos fluxos informacionais para a localização de empresas e outros agentes no território (TÖRNQVIST, 1968)¹⁰. Ele visa explicar o fato de as atividades dependentes de informações “complexas” não experimentarem uma desconcentração a partir do desenvolvimento das técnicas da informação — afirmando o papel do contato face-a-face¹¹. Em relação à difusão de informações, Törnqvist afirma que a importância dos esforços individuais é difícil de ser mensurada, mas indica que os meios de comunicação de massa

⁸ Posteriormente, Contel (2011) também realiza uma análise sobre a informação na escola sueca de geografia e as teorias locacionais da geografia econômica.

⁹ É necessário contextualizar essa posição com a evolução dos sistemas técnicos de comunicação no período em questão. Ele afirmou (no original, em inglês): “*The principal channels for the communication of information in an urban society are printed matter and typescript. The spoken word is second in importance. It may be transmitted through radio, telephone, television, cinema, recordings and various other media that separate sender from receiver in time as well as distance. The third channel of significance is that of visual images*” (MEIER, 1962, p. 9).

¹⁰ Sua contribuição ao pensamento geográfico é discutida em Santos (2003 [1979], p. 53), Contel (2011, p. 75-78), entre outros.

¹¹ Contel (2011, p. 74) discute essa ideia a partir de Hägerstrand, afirmando a importância das “informações privadas” para o geógrafo sueco, citando o autor: “a informação privada — especialmente a conversa face-a-face — é a mais importante força condutora por trás da difusão de inovações”. Sob esse ponto de vista, Hägerstrand (1967, p. 264, tradução própria) afirma que “uma pessoa torna-se mais e mais inclinada a aceitar uma inovação quanto mais frequentemente ela entra em contato com outras pessoas que já a aceitaram”. Ele acrescenta, ainda, que seria a informação sobre a aceitação da inovação por certas pessoas que produziria aceitações adicionais.

teriam grande influência sobretudo em líderes da chamada “opinião pública”, e estes em seus círculos de informação privada (TÖRNQVIST, 1968, p. 102, tradução própria¹²). Everett Rogers (1983 [1962], p. 18), por sua vez, dá papel comparável aos meios de comunicação de massa e às relações interpessoais na difusão de notícias, e afirma que os fluxos de notícias diferenciam-se de outros fluxos pela rapidez com que circulam (ROGERS, 1983 [1962], p. 73).

O anteriormente citado geógrafo americano Allan Pred (1977; 1979) trouxe contribuições para a consolidação da discussão da informação na geografia e sua relação com a rede urbana¹³ a partir do contato com a geografia sueca. Em sua visão sistêmica das relações entre as cidades, a informação exerce um papel importantíssimo — os principais fluxos entre as cidades seriam os de bens, serviços, capital e informação especializada (PRED, 1979, p. 13). Ele afirma que haveria uma “tendenciosidade espacial” para a circulação de informações — ligada à probabilidade de obter ou não as informações — e que ela seria importante para o entendimento da organização econômica do espaço geográfico (CONTEL, 2011, p. 82). Novamente, aparecem os “modelos”, já alvos de críticas.

A circulação de informações, o meio geográfico e as densidades informacional e comunicacional na proposta de Milton Santos

Outro importante autor que trabalhou a internalização da categoria informação no pensamento geográfico é o brasileiro Milton Santos. Para entender suas proposições, é importante compreender suas escolhas de método e sua concepção de objeto de estudo da Geografia¹⁴. Para este autor (SANTOS, 2006 [1996], p. 63), o espaço geográfico da atualidade se define como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Ele propõe superar, assim, uma perspectiva geométrica do espaço. Nesse sentido, quando pensamos no território, Santos (1994, p. 15-16) afirma que o que interessa à análise social são os usos do território, o território usado. Para esse autor, se o território são as formas, o *território usado* são os objetos e as ações — podendo, dessa forma, ser entendido como sinônimo de espaço geográfico. Conforme Santos e Silveira (2006 [2001], p. 247), para definir um território “devemos levar em conta a interdependência e a

¹² Do original, em inglês: “*The importance of personal effort can hardly be measured. But we know [...] that the information and impulses that are of importance for human behaviour and action are diffused mostly by means of personal face-to-face contacts between individuals. The diffusion of information via mass media has its greatest influence on leaders of public opinion in the community, and these in their turn affect their environment through personal contacts*” (TÖRNQVIST, 1968, p. 102).

¹³ Muitos autores de outras “escolas” da geografia tratam, também, desse tema, como os franceses (contemporâneos dos autores da “escola sueca”) Michel Rochefort (1961; 2003; 2008, entre tantas outras) e Jean Gottmann — que analisa o quaternário nas grandes metrópoles (GOTTMANN, 1961, p. 565-630). Cabe citar, também, o próprio Claude Raffestin e sua discussão sobre as relações das redes, poder, informação e comunicação (RAFFESTIN, 1993), Henry Bakis, Olivier Dollfus e tantos outros, alguns dos quais citados ao longo deste trabalho.

¹⁴ Questão apresentada com maior detalhamento em Pasti (2012), também no GP Geografias da Comunicação.

inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”.

Partindo de uma concepção radicalmente distinta da “escola sueca de geografia”, Santos, em sua proposta de internalização da informação no pensamento geográfico¹⁵, indica a atualização da categoria “meio geográfico”, propondo o conceito de meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008b [1994]; 2006 [1996]). Ao longo da história, o meio geográfico já foi marcado pela dinâmica natural (meio natural) e pelas técnicas (meio técnico). Nesse novo período, onde a ciência, as técnicas e a informação ganham destaque na construção ou reconstrução do espaço (SANTOS, 2008a [1993], p. 37), a expressão geográfica da globalização seria o meio técnico-científico-informacional. Nesse meio, o arranjo dos objetos e das ações permite a concretização das três unicidades definidoras do atual período. Em primeiro lugar, há a *unicidade técnica*, a existência de um “conjunto técnico homogeneizado, sistêmico, preenchido e comandado por relações mundializadas sistematicamente unificadas” (SANTOS, 2006 [1996], p. 196). Em segundo lugar, destaca-se a *unicidade do tempo*, ou *convergência dos momentos*, isto é, a possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos, e, assim, de perceber sua simultaneidade. A terceira unicidade seria o *motor único*, o “motor da vida econômica e social, representada, emblematicamente, pela emergência de uma mais-valia no nível mundial” (SANTOS, 2006 [1996], p. 204). Essas unicidades são, ao mesmo tempo, condição e produto da dinâmica atual do jornalismo, baseado nas redes informacionais globais.

Entre as informações que circulam atualmente nas redes globais, diferenciamos as *produtivas* ou *estratégicas*, utilizadas pelas grandes empresas, das *banais*, do cotidiano de todos (SILVEIRA, 1997; SILVA, 2001; 2009)¹⁶. Buscando avançar dessa acepção, pode-se entender, também, a informação enquanto uma *forma-conteúdo*, considerando a indissociabilidade dessas categorias (LEDROUT, 1984; SANTOS, 2006 [1996]; 1999). Segundo Santos (1999, p. 16), “uma forma que, por ter um conteúdo, realiza a sociedade de uma maneira particularizada, que se deve à forma”. A relação entre continente e conteúdo, entre a forma e o fundo é mais que uma relação funcional (SANTOS, 2006 [1996], p. 100). A forma, tomada forma-conteúdo pela presença da ação, é capaz de influenciar o desenvolvimento da totalidade, participando, assim, da dialética social (SANTOS, 2006 [1996], p. 126). A forma da informação (moldada pelas técnicas jornalísticas, da estética, do design, da publicidade, entre outras) é uma forma imaterial, e condiciona as possibilidades de seu conteúdo, ao mesmo tempo que pode se transformar a partir dele.

Milton Santos também trata das densidades informacionais e comunicacionais do espaço. Para a compreensão dessa ideia, além de ter em mente a concepção de espaço geográfico do autor, é importante retomar a definição e traçar uma distinção entre a

¹⁵ Como discutida por Contel (2010).

¹⁶ Laborit (1973, p. 33) fez uma distinção similar, diferenciando a informação especializada, necessária aos trabalhos técnicos, da informação generalizada, necessária à vida humana.

informação e a *comunicação*. De forma simplificada, Vilalba (2006, p. 5) afirma que comunicação é “a ação social de tornar comum”. Segundo Sodré (1996, p. 11), a comunicação refere-se à ação de “pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado”. Para Rogers (1983 [1962], p. 5, tradução própria¹⁷), a comunicação “é um processo no qual os participantes criam e compartilham informação com o outro, de modo a atingir entendimento mútuo”. Para Abbagnano (2007, p. 188) as diferentes definições de comunicação designam o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca. Segundo Bolaño (2000, p. 55) a informação para a “massa” é unidirecional, e “se transforma em instrumento de dominação no sentido técnico do termo”. Há um entendimento geral da comunicação enquanto processo de trocas de informações.

Santos (2006 [1996], p. 257-258) discute esta questão geograficamente por meio das diferentes cargas de conteúdo informacional e comunicacional que os espaços apresentam no período atual, criando densidades¹⁸. Para este autor, a *densidade informacional* de um lugar nos indica o grau de exterioridade do lugar e a realização de sua propensão a entrar em relação com outros lugares, já que a informação introduz uma intervenção vertical no espaço, que geralmente ignora seu entorno. Já a *densidade comunicacional* resulta do tempo plural do cotidiano partilhado — o tempo conflitual da co-presença — estando ligada às dinâmicas do lugar (SANTOS, 2006 [1996], p. 258), mais horizontais.

Dentro dessa perspectiva, cabe, também, problematizar a produção e circulação de informações no território. Raffestin (1993) traz uma distinção entre circulação e comunicação, esta compreendendo os fluxos imateriais — de informação — e aquela os fluxos materiais, de mercadorias, bens e pessoas. Buscando evitar confusões com as distinções de informação e comunicação a partir do território e suas densidades, propomos o entendimento de que há círculos de informações, compondo-se dos fluxos informacionais que efetivamente transitam no território e se impõem aos lugares. Conforme Silva (2012), há hoje importantes “círculos globais da informação, retrato do crescente poder das empresas globais sobre o destino dos territórios, da sociedade e da política”. Para esta autora, tratar-se-iam de círculos majoritariamente extravertidos, realizados por meio da operação de espaços “luminosos” da globalização, técnica e politicamente adequados às funções modernas de produção e intercâmbio e desigualmente distribuídos pelo território (SILVA, 2012).

Problematizando esses círculos informacionais, podemos considerar a existência de circuitos (ou círculos) informacionais ascendentes e descendentes (SILVA, 2010). Os circuitos descendentes são aqueles baseados na informação que atinge verticalmente os lugares, enquanto os circuitos informacionais ascendentes referem-se aos “dinamismos mais

¹⁷ Do original, em inglês: “communication is a process in which participants create and share information with one another in order to reach a mutual understanding”.

¹⁸ Para a compreensão dos espaços da globalização, Santos (2006 [1996], p. 257) relaciona essas duas densidades com a densidade técnica, “dada pelos graus de artifício”, variando do espaço jamais tocado pelo homem até a prevalência dos objetos técnicos.

arraigados ao lugar, ao dilema da sobrevivência, da resistência e da reprodução” (SILVA, 2010, p. 2). Esses círculos ascendentes e descendentes coexistem no espaço geográfico, que se apresenta como um campo de conflitos entre forças descendentes e ascendentes. Sobre essa relevância das informações ascendentes, são importantes também as contribuições de Gorz (2003, p. 9), que afirma que

a informatização revalorizou as formas de saber que não são substituíveis, que não são formalizáveis: o saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação. Em poucas palavras, formas de um saber vivo adquirido no trânsito cotidiano, que pertencem à cultura do cotidiano.

A difusão do meio técnico-científico-informacional no território, as densidades informacional e comunicacional dos lugares e os círculos de informações ascendentes e descendentes são algumas possibilidades de análise da informação a partir do território usado, baseadas na perspectiva teórica de Milton Santos. Ressalta-se que há inúmeras possibilidades de abordagens da informação a partir do pensamento geográfico, que merecem ser objeto de futuras investigações para subsidiar os estudos interdisciplinares entre Geografia e Ciências da Comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. *Por uma economia política do signo*. Lisboa: Edições Gallimard, 1972.
- BOLAÑO, César. *Indústria cultural: informação e capitalismo*. São Paulo: Hucitec / Polis, 2000.
- BRILLOUIN, Leon. *Science and information theory*. Nova Iorque: Academic Press, 1971 [1962].
- CONTEL, Fábio. A internalização da categoria informação na geografia econômica: da teoria da localização à escola de geografia sueca. In: VIDEIRA, S. L.; COSTA, P. A.; FAJARDO, S. *Geografia econômica: (re)leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.
- DANTAS, Marcos. Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo. *Lua Nova*, São Paulo, n. 60, p. 5-44, 2003.
- DANTAS, Marcos. Trabalho com informação: valor, acumulação, apropriação nas redes do capital. Rio de Janeiro: CFCH-UFRJ, 2012.
- GLEICK, James. *The information: a history, a theory, a flood*. New York: Pantheon Books, 2011.
- GONÇALVES, Maria Eduarda. *Direito da informação: novos direitos e formas de regulação na sociedade da informação*. Coimbra: Almedina, 2003.
- GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho. *Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.

- HÄGERSTRAND, Torsten. *Innovation diffusion as a spatial process*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- HÄGERSTRAND, Torsten. A propagação de ondas de inovação. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 3, n. 2, 2013.
- JACOB, François. *La logique du vivant*. Paris: Gallimard, 1970.
- LABORIT, Henri. *Société Informativelle: idées pour l'autogestion*. Paris: Lés Éditions du Cerf, 1973.
- LEDROUT, Raymond. *La forme et le sens dans la société (sociologie des formes)*. Paris: Librairie des Méridiens, 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da Segunda Natureza*. São Paulo: Ática, 1989.
- MATTA, Fernando Reyes. A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação. In: MATTA, F. R. (org.) *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2006.
- MEIER, Richard L. *A communications theory of urban growth*. Cambridge: M.I.T. Press, 1962.
- MOLES, Abraham. *Teoria da informação e percepção estética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- MORIN, Edgar. La nature de la société. *Communications*. v. 22, n. 22, pp. 3-32, 1974
- PALMER, Michael. *Des petits journaux aux grandes agences: naissance du journalisme moderne, 1863-1914*. Paris: Aubier, 1983.
- PALMER, Michael. L'information agencée, fin de siècle. Visions du monde et discours en fragments. *Réseaux*, volume 14, 1996.
- PALMER, Michael; NICEY, Jérémie. Social Media and the Freedom of the Press: a long-term Perspective from within International News Agencies (AFP, Reuters). *ESSACHESS. Journal for Communication Studies*, pp. 107-123 . vol. 5, n. 1(9), 2012.
- PASTI, André. A comunicação, os usos do território e o método geográfico: em busca de uma leitura crítica. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais...* Fortaleza (CE), Intercom: 2012.
- PATERSON, Chris. News Agency Dominance in International News on the Internet. *Papers in International and Global Communication*. n. 1/6, mai, 2006.
- PRED, Allan. The choreography of existence: comments on hagerstrand's time-geography and its usefulness . *Economic Geography*, vol. 53, n. 2, Planning-Related Swedish Geographic Research , pp. 207-221 , apr., 1977.
- PRED, Allan. *Sistemas de cidades: economia adiantada, crescimento passado, processos presentes e opções de desenvolvimento futuro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RAYWARD, Warden Boyd. The history and historiography of information science: some reflections. *Information Processing & Management*, v. 32, n. 1, 1996.

- ROGERS, Everett. Diffusion of innovations. The Free Press: News York, 1983 [1962].
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec: ANPUR, 1994.
- SANTOS, Milton. O território e o Saber Local: algumas categorias de análise. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro. Ano XIII, n. 2, 1999b.
- SANTOS, Milton. *Economia Espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Edusp, 2003 [1979].
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. São Paulo: Edusp, 2006 [1996].
- SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Edusp, 2008a [1993].
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Edusp, 2008b [1994].
- SHANNON, Claude. A Mathematical Theory of Communication. *The Bell System Technical Journal*, v. 27, julho, 1948.
- SILVA, Adriana Bernardes. A contemporaneidade de São Paulo: Produção de informações e novo uso do território brasileiro. 2001. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- SILVA, Adriana Bernardes. A cidade de São Paulo e a Produção de Informações: Contribuições à Pesquisa e ao Debate. In: Anais do XI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - SIMPURB, 2009.
- SILVA, Adriana Bernardes. Círculos de informações e novas dinâmicas do território brasileiro. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS – ENG. Anais... Porto Alegre: AGB, 2010.
- SILVA, Adriana Bernardes. Círculos de informações, urbanização e usos do território. *Revista da ANPEGE*, v. 8, n. 10, 2012 (no prelo).
- SILVEIRA, María Laura. *Um País, Uma Região - Fim de Século e Modernidades na Argentina*. Dissertação (mestrado). FFLCH/USP, 1997.
- SILVEIRA, María Laura. Por um conteúdo da reflexão epistemológica da geografia. In: SOUZA, Álvaro José de. (org.) *Paisagem território região: em busca de identidade*. Cascavel: Edunioeste, 2000.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- THRIFT, Nigel. Torsten Hägerstrand and social theory. *Progress in Human Geography*. n. 29. pp. 337-340, jun/2005.
- TÖRNQVIST, Gunnar. Flows of Information and the Location of Economic Activities. *Geografiska Annaler*, series B, Human Geography, vol. 50, n. 1, pp. 99-107. 1968.
- VILALBA, Rodrigo. *Teoria da comunicação: conceitos básicos*. São Paulo: Ática, 2006.
- YUEXIAO, Zhang. Definitions and Sciences of Information, *The Information Processing and Management*, v. 24, n. 4, 1988.